

Um poema como uma cidade

francisco soares

Índice:

Aproximação ao tema	3
Visualização	5
Verbalização	14

Este texto foi inicialmente escrito para o Ciclo A cidade. Lisboa: SHIP, 13-26 Novembro.

“A palavra das cidades vazias [...] as palavras de todos e as palavras sem ninguém”

Aproximação ao tema

Fastidiosa, talvez, na medida em que seja incontornável, a questão: o que é uma cidade?

Fastidiosa, mesmo. No entanto pergunto-me, creio que nos perguntamos, ainda fora de qualquer evento cultural, o que é que define uma cidade, o que a une para além das contradições e diversidades evidentes? Sem dúvida, o que a diferencia de todas as outras no seu conjunto. A partilha desse património próprio e comum passa necessariamente por discursos em torno, que aceitam ser ele (património) o marco diferencial.

O que o diferencia também lhe dá, portanto, uma identidade, um perfil que se forma com essa diferença. Postas as coisas assim, não fica porém tudo resolvido, porque a identidade está em constante mudança, é dinâmica, é um processo através do qual nos vamos descobrindo cada vez em perfis diferentes, com partes comuns mas diferentes. Ou seja, a identidade é definida pela diferença em relação às outras cidades e define-se, de cada vez, em diferença consigo própria. Isso é que a torna, a meu ver, instrumento privilegiado para negociações através do simbólico. É dessas negociações que resulta um perfil a cada momento, bem como da transposição dos acordos e desacordos para a dimensão dos símbolos, com suas sintaxes e elisões próprias e estruturais, resultam perfis estéticos.

Há porém situações urbanas em que não chegamos a encontrar uma identidade num determinado momento. Parece que, nesse período, são meros aglomerados urbanos, geralmente aglomerados de prédios. Acumulam identidades com perfis diferentes, no limite, mesmo para cada protagonista. Habitualmente, o perfil diferencia-se em função do que se reclama, daquela diferença, interior à identidade, que um grupo ou uma pessoa dizem que faz parte dela e que não tem sido percebida pelos outros, nem definida na totalidade do perfil. Ou que não tem sido vista com propriedade e exatidão. Assim, por exemplo, muitos turcos hoje dizem que também são europeus, que a Europa não foi só cristã mas até muçulmana – no sul da Península Ibérica e ali; que o império romano foi do Oriente ao Ocidente; que o mesmo império foi ali que permaneceu muitos séculos mais do que no ocidente europeu. Eles estão a dizer o que alguém nos diz, tantas vezes: eu também faço parte de nós, eu também sou nós (“I’m too America”) e, no entanto, vivo coisas que me parece que não têm sido vistas como próprias, nossas e que, no entanto, são nossas na medida em que eu faço parte de nós.

Habitualmente é assim e, por ser assim, dinamiza-se o processo identitário, pelas negociações ao nível do simbólico – sem deixar no entanto de haver uma continuidade, evolutiva, transformada, mas continuada nem que seja pela dialética entre respostas novas e anteriores. Porém às vezes, como disse no início do outro parágrafo, a diferença entre vários grupos de um aglomerado urbano não dialoga com nenhuma identidade anterior ou comum. Cada qual tem simplesmente a sua e de comum com os outros grupos apenas o espaço onde vivem todos, ainda assim visto e vivido de forma diferente de grupo para grupo e sem ninguém se preocupar com o perfil que ‘nos define’ a todos, em conjunto.

Acontece por vezes nos países novos, em particular quando passaram por uma fase recente de identificação por exclusão, processos que tarde ou cedo abortam, não chegando portanto a dar origem a um filho, mas que mutilam as discussões sobre identidade e levam diversos grupos a se ensimesmarem. Acontece ainda nas cidades novas, ou naquelas que passaram por uma transformação radical, delas restando pouquíssimos dos antigos habitantes. Torna-se depressa evidente a inexistência de um perfil abrangente, porque o anterior não é já significativo, nem na quantidade, nem no poder negocial e os novos perfis são diversos entre si também (como cidades e países de emigrantes). Não há mesmo identidade comum, partilhada o suficiente para se discutir.

Em muitas megalópoles hoje é assim. Em algumas cidades angolanas também, sobretudo naquelas que recolheram mais refugiados de guerra e mais estrangeiros e que se envolveram mais nas diásporas. O caos simbólico então experimentado foi resumido por João Teixeira Lopes para outro contexto: "admitem-se, no entanto, situações de rápida mutação social, em que as partituras são parcialmente esquecidas, realçando-se o carácter aberto, plurívoco, ambivalente e aparentemente indeterminado das interpretações sociais." Mais do que indeterminado, ele pode sofrer determinações diversas e alheias entre si (não desconhecidas, mas alheias). Há uma simultaneidade apenas, um contínuo feito de contínuos paralelos, que raramente se cruzam, se inter-rogam e inter-agem. Ao nível da negociação simbólica e identitária, investidas diariamente na e pela linguagem, várias linguagens circulam e, por vezes, não só contrapostas, alheadas, sem a menor preocupação com um perfil identitário relativo a toda a urbe. De modo que vão vivendo várias cidades a mesma cidade, muitas vezes em assonâncias, como se de costas voltadas nos suportássemos apenas uns aos outros. O mal-estar resultante é um dos poucos traços identitários destas cidades, todos definidos pela negativa e provavelmente por muito pouco tempo.

Estas várias cidades na cidade podem mesmo ser incompatíveis entre si. Disse Popper, em *Busca inacabada*, que "uma maneira de viver pode ser incompatível com outra maneira de viver quase no mesmo sentido em que uma teoria pode ser logicamente incompatível com outra" (p. 271). E podem, no entanto, ser com-terrâneas as incompatibilidades. Vão-se produzindo por isso os discursos simbólicos em linguagens até incompatíveis.

Visualização

A questão que me coloco é: qual a poesia destas cidades? Não de uma parte delas, mas desse aglomerado aleatório?

Penso que será uma poesia onde se cruzam linguagens simultâneas, mesmo que não compatíveis, a que possa trazer-nos todas essas vozes, mesmo as alheadas. O paradoxo será, talvez, a figura retórica mais próxima da macro-estrutura dessa poesia. A metáfora retórica de um aglomerado de alienações.

Para essa metáfora geral contribuem técnicas específicas. Por exemplo a da colagem, que nos permite organizar facilmente uma textura aleatória, sem identidade de conjunto. Ela atira-nos três ou quatro (ou mais) imagens simultâneas (com-temporâneas e com-terreneas) que no entanto, como nos jornais, podem ser contraditórias. Em tais estruturas o 'fio de sentido' se esfuma, recuperando-se um 'sentido' apenas, o de se estar a ver, a denunciar ou a espelhar isso. Como se configura nesta peça do chileno Guillermo Deisler¹:



O desenvolvimento de espécies híbridas atuais, fortemente envolvidas com o desenvolvimento das novas tecnologias, potenciou os efeitos e os meios das colagens. Daí resultaram novas espécies ou disciplinas híbridas, abrigadas à sombra de nomes como "mail art", "arte-correio", "poesia por fax", "poesia visual" (agora informatizada), "poesia cinética", nomes de práticas diferentes mas comuns neste e noutros aspectos a que me refiro. Elas todas possuem recursos que nos permitem colocar lado a lado, alheadamente ou com sentido pré-estabelecido, várias linguagens, vários significados, várias sintaxes e interpretações. E em todas elas se repete a figura (sob múltiplas formas) de um aglomerado aleatório de letras, palavras e frases.

A imagem de uma acumulação aleatória (e no entanto pessoal) de letras, textos, segmentos de textos, palavras, fragmentos de palavras, objetos em forma de livros ou caixas, essa imagem

¹ Figura destacada de arte-correio e poesia visual latino-americana. Nasceu em Santiago do Chile, em 1940, exilou-se na Alemanha oriental, onde faleceu em Novembro de 1995.

parece ilustrar artisticamente a situação cosmopolita, o caos simbólico e a aleatoriedade que se vivem nas megalópoles. Acredito que seja, pelo menos, uma das deduções a tirar de um retrato de Joan Brossa na sua sala de montagem²:

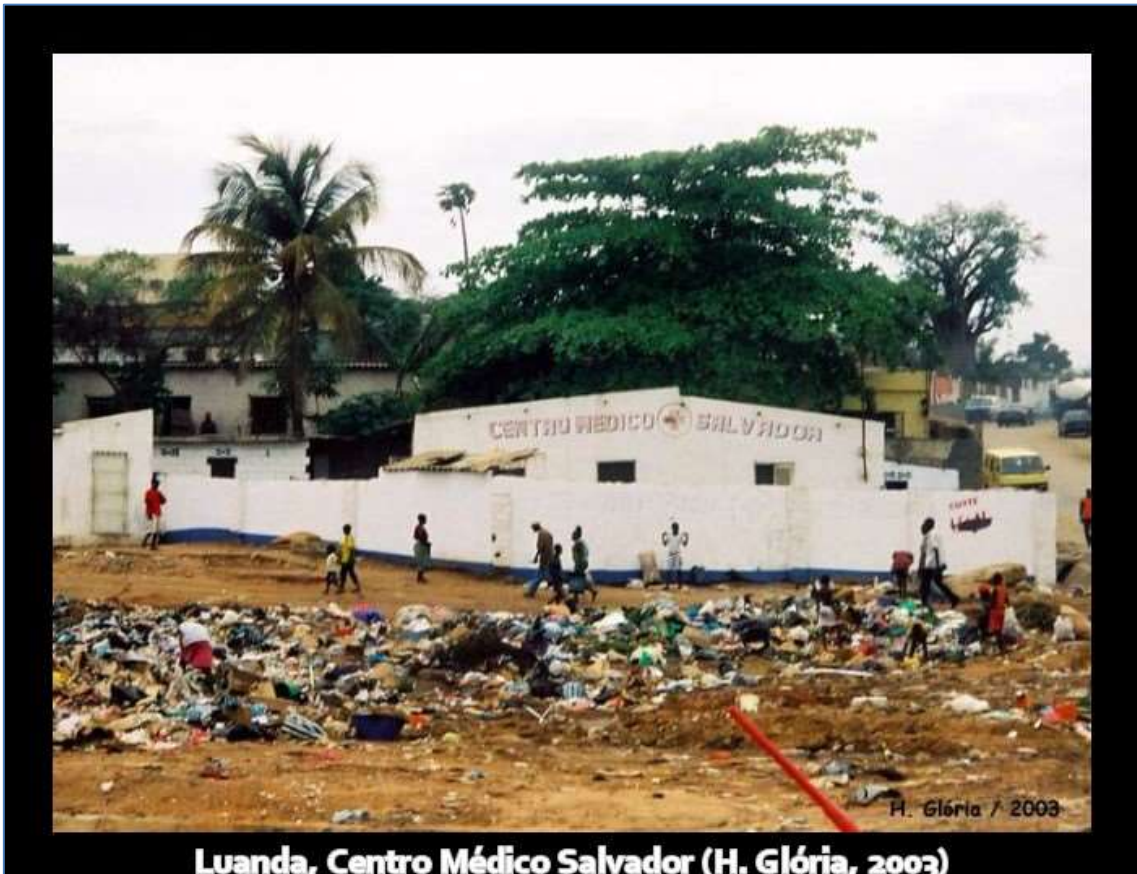


A imagem projectada em cada 'poema visual' (esta fotografia é um poema visual involuntário) concentra momentaneamente sentidos de liberdade que reciclam as lixeiras semióticas das megalópoles globalizadas. O mesmo ocorre com lixos urbanos e respectivas reciclagens nas pequenas cidades onde houve e há "situações de rápida mutação social", cultural e antropológica ao mesmo tempo que, por exemplo, guerras. Como estas:

² O retrato é largamente divulgado na Internet (ainda haverá razões para escrever a palavra com maiúscula inicial?). Outra perspectiva do mesmo 'ateliê' pode ser vista em <http://marcelonada.redezero.org/artigos/joan-brossa.html>. Joan Brossa é considerado um dos padrões e uma das origens da poesia visual, sendo igualmente *performer*, autor de *instalações* e captor de *readymade*.



(no saco plástico, à direita do caixote, a palavra impressa é “Bambi”, marca de fraldas)



Os lixos urbanos de um e de outro lado acumulam palavras, letras e símbolos aleatórios momentaneamente e o artista lhes dá uma funcionalização criativa. Mesmo estando em questão a sobrevivência, tais 'quadros' permitem criar funções semióticas e estéticas novas, porque as lixeiras (semióticas ou não) são aglomerados de fragmentos e o fragmento, como os líricos bem sabem, liga sempre de alguma forma a qualquer outro fragmento quando a arte intervém. Os fragmentos aleatórios recolhidos pelo artista tratam da coincidência entre os antigos significados da palavra ou da letra, a sua memória, e a nova situação, que é uma situação inesperada. Daí que a arte da colagem seja também uma arte da reciclagem, como pretende L. Bellini com esta proposta:



De uma reciclagem, precisamente, de dejectos e projectos aleatórios. A globalização dos mercados desmultiplica também discursos nestes espaços urbanos limitados, mesmo os típicos

do chamado III Mundo, numa acumulação de signos alheados entre si que é estruturalmente



igual à das megalópoles:

A imagem mostra um directo contributo da globalização económica para a proliferação de discursos aleatórios e simultâneos no espaço urbano. Às mensagens publicitárias associam-se algumas marcas de avanço técnico, promovidas por empresas globalizadas e globalizadoras. A demonstração técnica está ao lado, nas antenas, como uma espécie muito subtil de publicidade de prestígio. Ao mesmo tempo o interior do bar, a precariedade das estantes e o improvisado dos tubos e fios, o cartaz relativo à cerveja Cuca, 'a primeira em Benguela' (contraposta à de sabor autêntico invertido, ou inautêntico, no guarda-sol), sinalizam tentativas de significação localizada de algumas das componentes aleatórias.

O conjunto da imagem figura uma das vias pelas quais a globalização da tecnologia e do comércio gera aglomerações aleatórias de discursos que circulam num mesmo espaço que os discursos radicados. A outra via diz respeito ao aumento do potencial de recursos anteriores, como o da colagem, que no espaço público se realiza já, bastando fotografá-lo sob um determinado ponto de vista. Como fez também Joan Brossa, em 1996, com um poder de síntese superior:



A potencialização da colagem, proporcionada pela Internet e pela informática, facilita e amplia o recurso a ela para criar imagens-espelho dos aglomerados aleatórios. É o que se vê em muitas propostas de 'mail-art', poesia visual em ambiente informático e já se via, limitadamente, na pop-arte. Três exemplos, o último dos quais angolano e, talvez por isso, menos marcado pela Internet:



(W. M. Gruters, USA)⁴

³ Foto colocada em <http://marcelonada.redezero.org/artigos/joan-brossa.html>.

⁴ Imagem publicada no 'blog' de Christine Tarantino, <http://christinetarantino.blogspot.com>, onde há mais do mesmo autor.

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

